

## Apresentação

*"Nas vacuidades que nos cercam, acabamos por esperar de um texto apenas uma coisa: que ele nos carregue ao longo de sua leitura, que não nos deixe cair, que não nos adormeça, por ser aborrecido ou pesado; que nos mantenha despertos por impulsos que criem prazer; por pequenas sacudidelas que nossos corpos ou nossas 'mentes' absorvam e assimilem para melhor se comprazer. Assim nos carregando, o texto provavelmente renovará para nós o gozo arcaico de, pequeninos, sermos carregados por uma mãe, ou por um adulto que sabe para onde vai." (Sibony)*

Tão longa citação para iniciar a apresentação da revista **Tópica** é uma forma de dizer que somos conduzidas pelo verbo ao humano mais humano e que a psicanálise, no ato de eterna repetição, evoca em cada nova criação o espírito da letra que ilumina os subterrâneos da dor e do amor para sustentar o significante que se inscreve como efeito de um desejo: desejo de se comunicar e de se nomear pela instância simbólica que a escritura promete ao criar a ponte que nos leva à mãe, ao aconchego, ao gozo arcaico.

Com este novo número **Tópica** tem algo a dizer apoiada no sistema conceitual da psicanálise e no seu método interpretativo que se mostra cada vez mais flexível na sua interação com o mundo ao ampliar as possibilidades de compreender como se estruturam certos modos de sentir, agir e pensar. No percurso proposto pelos artigos vamos encontrar a "luta com a palavra" para dizer com rigor o que a letra de Freud e/ou seus seguidores coloca em questão: a demanda na análise de crianças, a subjetividade, a insuficiência do modelo biomédico, a castração, o sintoma, o humor, as questões edípicas, a transferência e a relação mente/corpo ao remeter para o Outro a tarefa de entrar na intencionalidade da palavra e de lá colher o seu néctar. O enunciado está à nossa frente reafirmando o lugar do cogito sob o véu do não-lugar – topos da linguagem - aonde o sujeito se situa ao reinventar-se. Com uma linguagem própria, cada artigo apresenta-se como uma tentativa de restaurar a falta através da "pele simbólica de palavras" com as quais forjamos o dito nos seus contínuos enredamentos produzindo os fios de interlocuções infinitas. É assim que a psicanálise continua a interrogar e a ser interrogada como prática neste nosso século. Tudo isso vem confirmar o sentido último desta disciplina: ser uma prática clínica fundamentada numa teoria consistente.

O Grupo Psicanalítico de Alagoas – GPAL -, tendo a escritura como referencialidade e ciente das marcas do inconsciente, no intervalo de um tempo ontem a um tempo hoje, idealizou esta publicação como forma de difundir uma compreensão singular do ser humano nos seus múltiplos sentidos e, também, o de potencializar os conteúdos decorrentes dos seus estudos internos. A revista **Tópica** é uma interlocução com o texto-mãe – texto freudiano -, e, zelosa, oferece impulsos para gerar prazer e conduzir seus filhos/leitores pelas veredas do escrito ao escavar os recônditos da mente humana com suas paixões e suas dores presentes na situação analítica ao tempo em que fixa essa experiência como lugar psíquico de constituição da subjetividade.

E assim, com a revista **Tópica** em mãos, lembramos Borges que dizia da necessidade de publicar o escrito sob pena de reescrevê-lo incessantemente. Textos concluídos, a letra eleva-se à categoria de musa e canta e encanta o tecido denso de uma teoria para assegurar a transmissão da psicanálise em extensão e intenção e reafirma a escrita como coisa sexual pertencente a todos e a cada um de nós.

Bem... escrever sobre a psicanálise é, em última instância, um modo de lidar com a castração mas, também, reverenciar o amor, a criação.

É deste esforço, que somos presenteados com mais este número da **Tópica**.

Lenice Pimentel  
Psicanalista e doutora em literatura